



LITERATURA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE UMUARAMA: A REVISTA “UMUARAMINHA”

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4003

Murilo Rebecchi, UEM

Wagner dos Santos Ribeiro de Abreu, UEPG

Resumo

O personagem “umuaraminha” foi criado no ano de 1986 pelo cartunista Marcos Vaz e elevado a símbolo de Umuarama por intermédio da Lei Orgânica do município no ano de 1990. Deste modo, temos por objetivo apresentar algumas reflexões a respeito da representação que o referido material produz em relação ao cotidiano do personagem da obra. Para refletir a respeito do material foram utilizados alguns exemplares do material distribuído no corrente ano, além de buscar junto do idealizador da referida produção as motivações quando da criação e da elaboração de alguns eixos temáticos propostos para a partir deste levantamento tecermos algumas considerações do ponto de vista da historiografia e m torno da representação do indígena. Sem pretensão de questionar a produção artística, a razão desta discussão reside no campo do ensino da História e da educação indígena nas escolas da rede pública municipal de Umuarama, Paraná, outrossim apresentaremos neste trabalho conceitos e representações da cultura indígena no imaginário escolar com vistas a interpretação ponto de vista da história regional, uma vez que o personagem apresenta-se como um indígena que interage em alguns seguimentos do cotidiano.

Palavras Chave:

Educação; literatura;
Umuarama.

Tido como um dos símbolos de Umuarama o personagem “umuaraminha” torna-se aqui um objeto de estudo onde problematizaremos, no primeiro momento qual sua significação para seu idealizador, e posteriormente como este personagem é trabalhado nos materiais institucionais produzidos a partir da iniciativa da Prefeitura Municipal de Umuarama.

Criado oficialmente por meio da Lei Orgânica Municipal 01/90 o personagem “umuaraminha” é criação do cartunista Marcos Roberto Vaz. Procuramos então o autor do personagem objetivando compreender quais as motivações o levaram a construir o “umuaraminha” e segundo ele¹:

(...) “A motivação real foi simplesmente homenagear a cidade, e criei o personagem despretensiosamente, dentro da Turma do Brilhante, que era então meu personagem principal (...). Em 1989 desenvolvi o Projeto Umuaraminha, com a intenção de transformar o curumim Xetá em símbolo de Umuarama, mas não exatamente em símbolo oficial e sim num símbolo afetivo e carismático da população umuaramense, fazer dele nossa mascote”.

Observando o relato é possível considerar que não houve uma preocupação quanto a contextualização do personagem, enquanto parte da história local, ao contrário disso, conforme o cartunista relatou: “fazer dele nosso mascote”. Neste sentido nos debruçamos então na busca pela elucidação daquela que é a imagem que reproduz o personagem. Para tanto, novamente recorremos ao depoimento de Marcos Vaz:

(...) “Eu era ainda muito jovem e não tinha a noção da importância

dos Xetá, sabia apenas que Umuarama era um nome indígena e, portanto, nada mais natural do que ser representada na imagem de um índio que, por ser dali, só poderia ser Xetá (...) com o umuaraminha, resgatar a importância do contato do homem com a natureza, falar da importância da preservação do meio ambiente e da valorização da vida simples”.

Não obstante ao que se apresenta na sequência é o imaginário comumente construído acerca dos povos indígenas, conforme podemos observar:

(...) “O umuaraminha por ser um índio representava a ingenuidade, o homem no seu contato benéfico com a natureza, sem a imposição da cultura do homem branco. A ingenuidade dos primeiros anos deu lugar à consciência de tudo o que sofreu o povo Xetá”.

Fica claro que, embora houve a construção de um personagem fazendo referência ao povo Xetá, a construção está povoada pelo ideário romantizado acerca do índio que passivamente sempre foi dominado pelo homem branco, não evidenciando assim sua contribuição efetiva na construção histórica de um dado local. O imaginário de que o povo Xetá foi exclusivamente passivo na modificação do espaço pode ser percebido ainda quando o cartunista afirma que:

(...) “Os Xetás foram extintos, pois se encontravam numa espécie de infância do desenvolvimento, caracterizados por uma total ausência de malícia. Um povo frugal, telúrico, dócil, pacífico e rudimentar”.

O personagem aparece na obra **Almanaque² do Umuaraminha**

¹ A Integra deste depoimento pode ser observada anexada a este trabalho.

² O Almanaque do Umuaraminha foi elaborado por Marcos Roberto Vaz e distribuído nas escolas da rede pública municipal de Umuarama no ano de 2013.

reforçando a crença que aponta para uma eterna fragilidade das nações indígenas quando estão em contato com o homem branco. Já nas primeiras páginas do Almanaque o que se configura é um índio assustado e fugitivo, temendo ser apanhado pelos brancos. Este temor é expresso na feição deste índio. Cenário que muda graças a ajuda que ele recebe de alguns “heróis” que surgem em meio a mata para tirá-lo de lá:

(...) “você será a memória de um povo que cumpriu seu papel na história (...). A nação Xetá (...) estão chegando (...) precisamos ir (...) ‘tá’ perto” (UMUARAMINHA, 2013, p. 13-17).

Contudo a obra não traz consigo a história do povo Xetá, o que vemos é a veiculação de temas com o pano de fundo associado à defesa do meio ambiente, da paz e da preservação do espaço urbano. A identificação do personagem com estes temas pode ser observada nos trechos do “hino do umuaraminha”³:

(...) “Olá amiguinhos, sou o umuaraminha, o mais novo defensor da natureza, juntos você e eu temos a missão e o dever de preservar a nossa mãe Terra (...) Vamos acordar e proteger o nosso planeta Terra”.

Vale destacar que nosso objetivo não é desqualificar os temas que o personagem apresenta, temas que possuem grande relevância e que contribuem no processo de ensino e aprendizagem das séries iniciais do ensino fundamental, mas chamamos a atenção para um personagem desligado da origem do povo pelo qual se identifica, o povo Xetá, sendo assim interpretamos este personagem como uma figura de caráter institucional e não como uma figura de memória, ideia essa que na maioria das

vezes fica aparente no senso comum.

Nas leituras que fizemos acerca da obra “umuaraminha” foi possível identificar um personagem voltado para um discurso de caráter institucional, onde o mesmo flutua em questões que dizem respeito às ações governamentais dos diferentes momentos da administração pública umuaramense. Este discurso institucional fica evidente, por exemplo, no **Jornal do Umuaraminha – Ano de 2010**. Neste jornal ficam evidenciadas as ações voltadas a educação no município de Umuarama, a descrição de programas e projetos desenvolvidos bem como os resultados obtidos em decorrência do projeto educacional desenvolvido.

Salientando a figura institucional do “umuaraminha” recorremos ao **Jornal Umuarama Ilustrado** que publicou em 01 de Maio de 2013 uma nota trazendo uma questão de saúde pública:

“O combate à dengue ganha mais um aliado nos próximos dias, em Umuarama. Está em fase de elaboração um gibi de caráter educativo e preventivo com o personagem símbolo da cidade – o índio Umuaraminha” (UMUARAMA ILUSTRADO, 2013, p. 08).

A Construção de uma memória histórica e a valorização dos elementos que dão sentido de pertencimento a uma sociedade também passam pelos bancos da escola. Neste sentido esta seção discute como é trabalhada a figura indígena no âmbito escolar, especificamente em uma escola de ensino fundamental no município de Umuarama. É importante ainda, antes de partirmos para os apontamentos acerca do trabalho propriamente desenvolvido em sala de aula, delimitar brevemente o ambiente utilizado neste momento da pesquisa.

A Escola⁴ Municipal Tempo

³ O “hino do umuaraminha” foi criado no ano de 1991. A íntegra do hino segue anexo a este trabalho.

⁴ Endereço eletrônico d Escola Municipal Tempo Integral de Umuarama: <http://esctempointegral.blogspot.com.br/>

Integral de Umuarama foi fundada no ano de 2001, atualmente atende cerca de 500 crianças com idade entre 04 e 10 anos de idade em tempo integral, com o currículo básico sendo aplicado no turno da manhã, até o quinto ano do ensino fundamental, e no período vespertino com o desenvolvimento de atividades diversificadas. Dentre as séries optamos na triagem do quarto ano, bem como fizemos a escolha da disciplina de História como norteadora da análise. Vale destacar que a escolha de outro estabelecimento de ensino não traria mudanças além do método de ensino dos professores, já que todos os estabelecimentos municipais seguem um mesmo documento norteador, formulado juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, embasado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para a discussão chamamos uma análise feita por Lúcio Tadeu Mota e Isabel Cristina Rodrigues (1999) onde os autores discutem a etno-história e a questão indígena nos livros didáticos. Segundo os autores até a década de 1970 se estabeleceu um discurso onde os indígenas eram apontados como indivíduos sem passado ou futuro e que fatalmente estes indivíduos passariam por um inevitável processo onde assimilariam a cultura que os envolvia, com uma essência capitalista (MOTA, RODRIGUES: P. 41, 1998). Igualmente, Mota e Rodrigues apontam para a questão metodológica na ocorrência de uma pesquisa, o que segundo os autores, deixava os historiadores dos anos de 1970 inseguros em um terreno que era povoado apenas pela tradição oral.

Todo este cenário vem se modificando nos últimos anos, graças à visibilidade nos âmbitos político, jurídico, social e cultural quem vem sendo dada às ações indígenas, seja no interior do Brasil, seja no cenário internacional. À medida que esta visibilidade crescia, também eram superados os paradigmas em relação ao estudo das sociedades sem

escrita. Neste contexto a Etno-História surge de maneira pontual, haja vista, que incorporam em sua natureza os métodos da investigação histórica e a problemática do campo da Antropologia.

Por meio de uma análise em torno dos eventos que caracterizaram a formação dos países americanos pode-se observar que, seja no caso dos Estados Unidos, onde havia um falso sentido de território indígena, como aponta Mota e Rodrigues (1998, p. 43), ou ainda nos países latino-americanos como é o caso da Bolívia onde os indígenas são classificados como camponeses, fica evidente que o objetivo dos governantes sempre foi de exterminar estas populações, tendo em vista a superação de anseios e interesses políticos. No caso do Brasil fica evidente também a tentativa de apagamento das populações indígenas, ao passo que desde o início da colonização, seja pelo viés religioso, ou ainda no campo econômico, onde se compreendia que o nativo deveria ser civilizado e isto necessariamente passava pela conversão deste ao cristianismo ou ainda com o ideal de que seria por meio do trabalho, na concepção do colonizador, que este nativo passaria da condição de barbárie para civilizado. Seja como for, as inúmeras tentativas de apagar as populações indígenas não tiveram êxito, de modo que estas populações vêm se preservando em suas crenças, tradições e cultura. Nesta perspectiva nos propomos a apontar de que maneira o indígena é ilustrado na construção da história local.

Buscando compreender de que maneira a história vem sendo construída e transmitida no ambiente escolar supracitado, apontaremos os recursos utilizados e o direcionamento programático nos estudos envolvendo a disciplina de História do quarto ano, turma dirigida pela professora Vanusa

Shirley Guiselim Borges⁵. A escolha desta série/ano ocorreu após uma sondagem feita junto ao corpo docente do estabelecimento de ensino, onde foi possível constatar que nas séries iniciais as atividades voltadas à história local e especialmente à participação dos indígenas na construção desta, deu-se de maneira lúdica, onde tudo o que foi transmitido derivou de cantigas, pequenos contos e que de acordo com as professoras responsáveis pelas séries onde foi adotada esta metodologia, exatamente por se tratar de crianças ainda no estágio inicial de alfabetização e letramento, qualquer registro que possa requerer uma produção das mesmas assume um terreno complexo de ser ocupado.

Acompanhamos durante alguns dias⁶ a rotina pedagógica do quarto ano “B” de posse de alguns recursos de ordem didático-pedagógica dos quais pretendemos uma análise. O primeiro destes recursos é conhecido como: “Rotina Semanal” onde estão elencados os conteúdos que deverão ser trabalhados durante um período estabelecido, nas disciplinas do currículo básico da série em questão.

O documento parte do tema **Formação Populacional** e deste para subtemas como: os povos indígenas no Brasil, os povos indígenas no Paraná. Onde busca identificar e diferenciar os povos indígenas do Paraná e também reconhecer sua contribuição na formação do território paranaense.

Para o desenvolvimento da proposta sobre o tema alguns caminhos metodológicos foram adotados: perguntas como “Quem são os índios?” ou “Quem já viu um índio?” era lugar

comum na introdução da aula; em seguida o que se apresentava aos alunos os povos que habitavam e que ainda habitam o território paranaense. Como subsídio teórico houve a opção por alguns textos⁷ que reforçam a defesa de que estas terras já estavam ocupadas quando da chegada dos colonizadores, contudo quando aponta para a relação entre indígena e colonizador ou como os textos chamam “europeus”, fica explícita a ideia de que o primeiro é agente passivo na construção do território paranaense, atribuindo assim, apenas o segundo a função de modificador do espaço.

As atividades⁸ desenvolvidas a partir dos temas trabalhados vão desde a identificação pelos alunos dos povos indígenas do Paraná, passando pela elaboração de pequenos textos onde cada aluno apresenta o que pôde assimilar à cerca do que lhe foi apresentado. Notou-se que em se tratando de identificação e reconhecimento quanto à figura do índio paranaense está ocorre de maneira bastante superficial e mais especificamente quando se trata da etnia Xetá não é possível identificar subsídios necessários, de posse dos professores que possibilitem aos mesmos contribuírem com a construção de uma consciência histórica acerca do povo que é parte integradora na formação do espaço do noroeste paranaense. Ao passo que não eram todos os alunos que, quando questionados sabiam por exemplo, da existência de uma remanescente dos Xetá tão próxima deles.

Outrossim, através deste acompanhamento foi possível uma verificação: de que pontualmente na disciplina de História, a abordagem em torno da questão indígena ocorreu tão somente nos dias próximos ao “Dia do Índio” e a justificativa para este quadro foi fundamentada em torno da

⁵ A Professora é pedagoga de formação, atuando já a 11 anos no Ensino Fundamental – Séries iniciais e é responsável desde o início do ano letivo pela 4ª série B na Escola Municipal Tempo Integral em Umuarama.

⁶ Rotina Semanal: 24/Março a 28/Março de 2014.

⁷ Estes textos seguem anexados a este trabalho.

⁸ As atividades podem ser vistas anexas a este trabalho.

necessidade de trabalhar outros temas que tratassem das demais datas que se aproximavam. É notória a ideia de que cumprido o conteúdo sobre o indígena próximo ao dia 19 de Abril fica então feita à reflexão sobre a figura do mesmo.

Referências

- COSTA, S. G. **Os sobreviventes da idade da pedra**. Revista Panorama, Curitiba, ano 7, n. 110, p. 20-26, 1961.
- FERNANDES, J. L. **Aspectos antropológicos da Serra dos Dourados**. Gazeta do Povo, Curitiba, p. 10, 15 nov. 1955.
- _____. **Relatório de atividades da seção de antropologia e arqueologia (1953-1957)**. Curitiba: Inst. de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, 1957.
- _____. **Os índios da Serra dos Dourados (Os Xetá)**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 3., 1959, Recife. Anais... Recife, 1959a. p. 27-46.
- _____. **The Xetá a dying people in Brazil**. *Bulletin of International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, Viena, v. 2, p. 22-26, 1959b.
- _____. **Les Xeta et le palmiers de la forêt des Dourados: contribution à l'ethnobotanique du Paraná**. Paris. Actes du VI Congrès international de sciences anthropologiques et ethnologiques, v. 2, n. 2, p. 39-43, 1960.
- _____. **Contribuição ao estudo dos índios da Serra dos Dourados 1958-1961**. Belo Horizonte: 5a Reunião da ABA, 1961a.
- _____. **Le peuplement du nord-ouest du Parana et les indiens de la Serra dos Dourados**. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 2-3, p. 79-91, 1961b.
- _____. **Os índios da Serra dos Dourados: os Chetá**. Almanaque Popular Teuto-Brasileiro, Florianópolis, n. 17, p. 193-202, 1961c.
- _____. **Os índios da Serra dos Dourados: estado atual das pesquisas**. Bulletin of international Committee on urgent anthropological and ethnological research, Viena, v. 5, p. 151-154, 1962.
- FERRARINI, S.; CUNHA FILHO, C. P. **Índios visitam o Círculo de Estudos Bandeirantes**. Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, Curitiba, v. 9, p. 87-97, jul. 1995.
- FRIC, A. V. **Völkerwanderungen, ethnographie und geschichte des conquista in sudbrasilien**. Viena: Verhandlungen des XVI Amerikanisten Kongresses, 1910.
- GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a república**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- GRISOLLI, P. A. **Índios paranaenses da idade da pedra**. O Globo, Rio de Janeiro, 19 jan.- 22 jan. 1959.
- GUÉRIOS, R. F. M. **A posição linguística do Xetá**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 4., 1959, Curitiba, Anais... Curitiba, 1959. p. 93-114.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HARACENKO, A. A. de S. **O processo de transformação no território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. 697f. Tese (Dotorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia- Programa de Pós Graduação em Geografia Humana- USP □ Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo-SP, 2007.
- HELM, C. M. V. **Os Xetá: a trajetória de um grupo Tupi-Guarani em extinção no Paraná**. Anuario Antropológico Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92, p. 105-111, 1994.
- _____. **Los Xeta: la trayectoria de um grupo Tupí-Guaraní**. Quito. In: BARTOLOME, M. A. (Ed.). Ya no hay lugar para cazadores. Proceso de extinción y transfiguración étnica em América Latina. Quito: Abya-Yala, 1995. p. 109-122.
- HOBBSBAWM, Eric. **A história de baixo para cima**. In: Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 216-231.
- IBGE/BIBLIOTECA disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em dezembro de 2010.
- IBGE/BIBLIOTECA disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acessado em julho de 2013.
- IHERING, H. V. **Archeologia comparativa do Brazil**. Revista Museu Paulista, São Paulo, n. 6, p. 519-583, 1904.
- KOZAK, V. **Stone age revisited**. *Natural History Magazine*, Nova York, n. 81, p. 14-24, oct, 1972.
- KOZAK, V.; BAXTER, D.; WILLIANSON, L.; CARNEIRO, R. L. **The Heta indians: fish in a dry pond**. *Anthropological papers of the American Museum Natural History*, New York, v. 55, n. 6, p. 349-434, 1979.
- KOZAK, V.; BAXTER, D.; WILLIANSON, L.; CARNEIRO, R. L. **Os índios Heta: peixe em lagoa seca**. BIHGEP, Curitiba, v. 38, p. 9-120, 1981.

- LAMING-EMPERAIRE, A. **Une tribu indienne peu connue dans L'état brésilien Paraná**. Acta Ethnographica, Budapest, T. 9, n. 3-4, p. 57-88, 1960.
- _____. **Travaux archeologiques em Amerique du Sud**. Objets et mondes, Paris, v. 2, n. 3, p. 149-164, 1962.
- _____. **Les Xeta, survivants de l'age de la pierre**. Objets et Mondes, Revue du Musée de l'Homme Paris, Paris, t. IV, fasc. 4, Hiver 1964.
- _____. **Guia para estudo das industrias liticas da America do Sul**. Manuais de Arqueologia, Curitiba, n. 2, p. 1-155, 1967.
- _____. **Primitifs d'hier et d'aujourd'hui. Sciences et Avenir: la vie préhistorique**, Paris, p. 26-34, 1972. (n. spécial hors-série: 7).
- _____. **Problèmes de préhistoire brésilienne. Annales**. Économies, Sociétés, Civilisations. 30e année, Paris, n. 5, p. 1229-1260, 1975.
- LAMING-EMPERAIRE, A.; MENRZES, M. J.; ANDREATTA, M. D. **O trabalho de pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados**, Estado do Paraná. Coleção Museu Paulista: série ensaios, São Paulo, n. 2, p. 19-82, 1978.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 2 ed. Campinas., São Paulo. Editora da Unicamp. 1992.
- LEITE, J. F. **Os últimos Xetá**. Relatório de viagem da equipe da Faculdade de Filosofia e Letras de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 1964.
- LOUKOTKA, C. **Le Setá, um nouveau dialecte Tupi**. Journal de la Société des Americanistes, Paris, Tome 21, n. 2, p. 373-398, 1929.
- _____. **Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien du Paraná**. Acta ethnographica Academia Scientiarum Hungaricae, Budapest, v. 9, n. 3-4, p. 329-369, 1960.
- _____. **Indiansky kmen y pohovu Dourados ve state Paraná Brasilie**. Ceslovenska Ethnografie, Praga, v. 10, n. 1, p. 45-56, 1962a.
- _____. **Über eine indianerstamm der Serra dos Dourados, Paraná Brasilien**. Akten des 34 Internationalen Amerikanistenkongress, Viena, p. 637-643, 1962b.
- _____. **Documents et vocabulaires inédits de language et de dialects sud-américains**. Journal de la Société des Americanistes, Paris, n. S. 52, p. 7-60, 1963.
- _____. **Xetá. Classifications of South American Indians languages**. Los Angeles: Los Angeles Latin-American Center University of California, 1968.
- LOURES, F. F. R. **Ofícios, 08/08/1855. 1855**. Boletim do Arquivo do Paraná, Curitiba, v. 7, n. 11, 1982.
- MACHADO, J. S. (Barão de Antonina). **Carta do Barão de Antonina ao Ministério da Guerra em 21/12/1842**. Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro, v. 5, 1842.
- MARANHÃO, M. F. C. **Etnoarqueologia Xetá. 1989**. Monografia (TCC em Antropologia Social)-CEAS UFPR, Curitiba, 1989.
- MOTA, L.T. **História do Paraná: ocupação e relações interculturais**. Maringá: EDUEM, 2005.
- MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Exploração e guerra de conquista dos territórios indígenas nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri**. IN: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. (Org.) Maringá e o Norte do Paraná. Maringá: EDUEM, 1999. p. 21-50.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial (1853-1889)**. 1998. 531 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 1998.
- _____. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.
- _____. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: Eduem, 1994.
- _____. **O instituto histórico e geográfico brasileiro e as propostas de integração das comunidades indígenas no Estado Nacional**, In: Revista Diálogos, DHI/UEM; 02, 1998. p.149-175.
- _____. **OS Xetá no vale do rio Ivaí 1840-1920**. Maringá, PR: Eduem, 2013.
- _____. **Presença e resistência Kaingang no Paraná**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP. 1992.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.
- NETO, Edgard Ferreira. **História e etnia**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.313-328.
- NIMUENDAJU, C. **Social organization and beliefs of the Botocudo of eastern Brazil**. Southwestern Journal of Anthropology, Albuquerque, v. 2, n. 1, p. 93-115, 1946.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História. Projeto História.** São Paulo, n. 10, dezembro, 1993.

NOVAIS, Fernando A. O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial.

IN:Brasil em Perspectiva. SP: DIFEL, 1969.

NOVAK, Éder da Silva. Tekoha e Emã: **a luta das populações indígenas por seus territórios e a política indigenista no Paraná da Primeira República – 1889 a 1930.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – UEM. Maringá, 2006.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma**

economia periférica: o caso do Paraná. Editora Hucitec: São Paulo, 1981.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica.** Lisboa: Edições 70, 1997.

PARANÁ. **Departamento de Terras e Colonização. Exploração da região noroeste do Estado do Paraná entre os rios Ivai, Paraná e Paranapanema e Tibagy.** Curitiba, 1933.

UMUARAMINHA – Símbolo Oficial de Umuarama (2014) disponível em:

<http://www.umuaraminha.com.br> acesso em fevereiro de 2014.